

ENTREVISTA / ALEXANDRE MELLO, DIRETOR TEATRAL

'Difícil comparar Caio Fernando Abreu com qualquer autor'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Depois de rasgar mio-córdios em 2024, quando era encenado no ateliê do encenador Alexandre Mello, num experimento "entre quatro paredes", de intimismo radical, "Solidão de Caio F" vai buscar a ribalta do Teatro Glauce Rocha, no Centro, a partir deste sábado (5), testando sua potência de fazer plateias chorarem noutra geografia cênica.

Seu diretor viveu um pico de excelência com esse trabalho que não esconde sua vertente de pesquisa e sua alma de melodrama, ao cantar a prosa do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu (1948-1996). Livros como "O Ovo Apunhalado" e "Limite Branco" atestam sua grandeza e asseguram sua permanência nas Letras.

A partir de escritos dele, Alexandre faz de "Solidão de Caio F" a cartografia da angústia afetiva nas metrópoles brasileiras, ao mesmo tempo que discute homofobia. Na trama, um único homem, o escritor, desdobra-se em dois personagens, que estão em um mesmo ambiente, mas não se encontram, por pertencerem a contos diferentes. Os atores Hilton Vasconcellos e Rick Yates são cérebro e coração do autor, num mesmo espaço-tempo, contracenando indiretamente. Quando um é autor, o outro é personagem e vice-versa.

Responsável por uma direção coruscante, Alexandre situa a gente nesse experimento no papo

a seguir.

De que maneira Caio Fernando Abreu te tocou e o que ele trouxe de mais avassalador para a sua geração?

Alexandre Mello - A leitura, na adolescência, de "Morangos Mofados" fez desper-

tar na minha geração a consciência de que não estávamos sozinhos em nossos desejos de liberdade para viver a sexualidade e que a vida era curta para ficar na sombra da sociedade.

Signos como o filme "Querelle", de Fassbinder, e a cantora Maysa te oferecem que alicerces para a construção de uma dramaturgia que expanda o entendimento da prosa de Caio?

"Querelle", assim como outras obras da cinematografia de Rainer Fassbinder, expressam corajosamente a profundidade das dores da alma humana e traz luz às sombras que arrastam a vida de quem não olha para elas. O que Fassbinder fez com Querelle, Caio faz o conto "Uma Praiazinha De Areia Bem Clara Ali Na Beira Do Sanga". Assim que li, percebi que o isolamento do personagem e sua loucura, advindos do crime cometido na adolescência, tinham a ver com a crueldade da vida imposta aos homossexuais naqueles tempos. A marginalidade, a violência, o estupro. "O amor com fissura, chato nos pentelhos e doença".

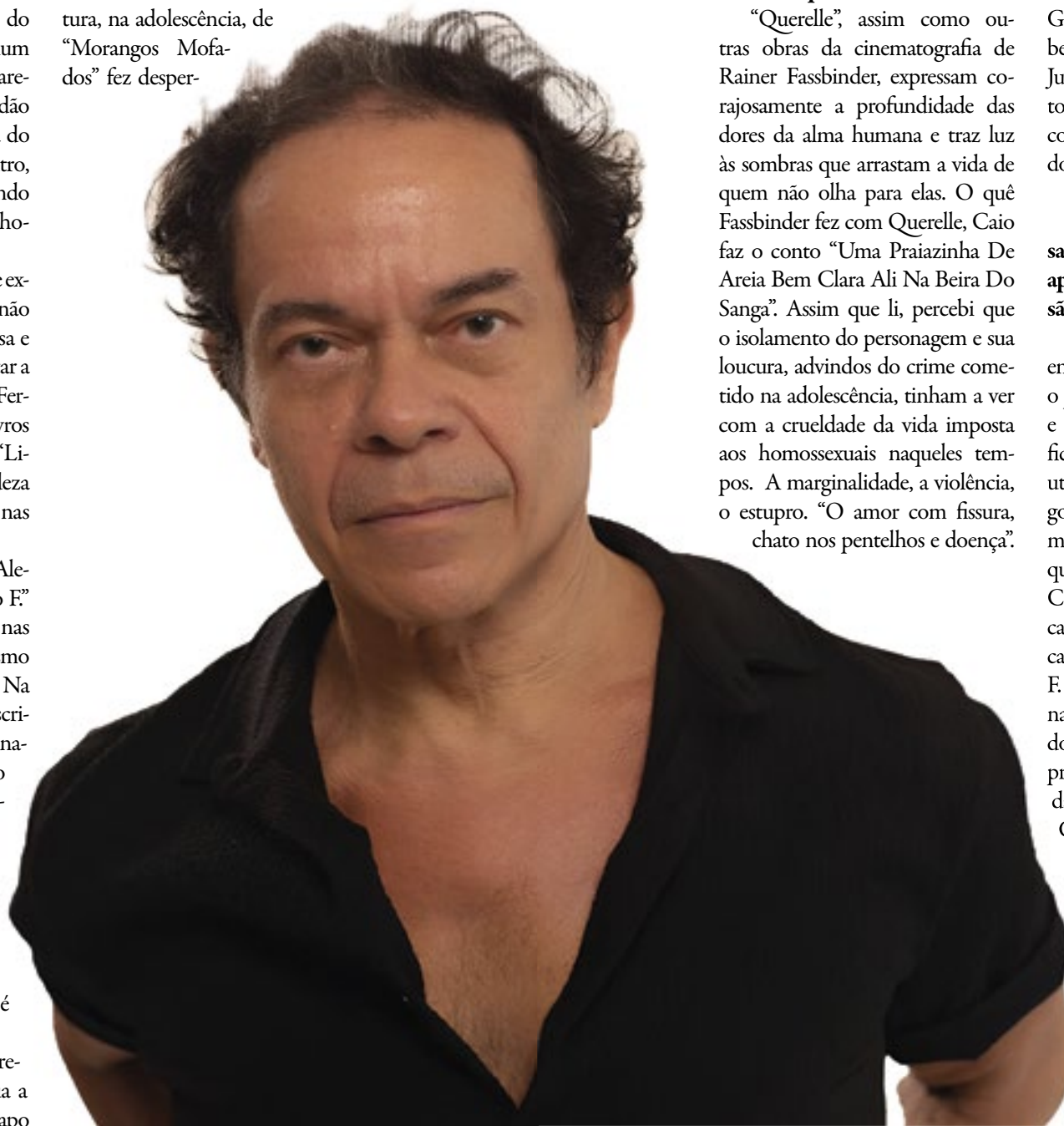
Maysa, com "Ne Me Quittez Pas", é maior que Jacques Brel, na representação da impossibilidade de manter a pessoa amada eternamente ao lado. Caio desejou toda a vida um amor verdadeiro.

Existem novos Caios hoje na arte? Alguém que você leia e te sirva de parâmetro de mundo?

Difícil comparar Caio Fernando Abreu com qualquer autor. Penso que o Édouard Louis é inspirador e ousado. São diferentes, mas são ambos potentes. Caio tem uma qualidade humana de expressão da dor e da materialidade das imagens da vida, que parece os plano-sequência dos capítulos da série "Adolescência", de Stephen Graham. Potentes, reais, cruéis, belos e emocionantes. Aline Bei, Julián Fuks e Luísa Geisler são autores brasileiros contemporâneos com talento imenso. Gosto muito dos três.

O que você leva da pesquisa espacial da encenação no seu apartamento para a nova incursão naquela dramaturgia?

Quando fizemos no meu ateliê em Laranjeiras, desejávamos tocar o público com a mesma delicadeza e crueza dos textos do Caio, para ficarmos próximos, íntimos. Como utilizamos as cartas (dele) aos amigos na dramaturgia, queríamos manter essa mesma intimidade que estas revelam com o público. Como se cada um recebesse em sua casa um envelope contendo uma carta pessoal de seu amigo Caio F. O mesmo se dá com as personagens Dama da Noite e o amigo do Dudu. Eles são estranhamente próximos de nós, são um pouco da nossa sombra: me lembram Clarice no "se eu fosse eu". Agora, na remontagem para o palco do Teatro Glauce Rocha, o desafio é manter numa dimensão de espetáculo, a mesma proximidade e intimidade com o público. Estou muito feliz com essa remontagem. Esperamos essa e outras temporadas por aí. Ano que vem estaremos em São Paulo.



Mery Bley/Divulgação